

O Pós-Milenismo de Princeton

John Jefferson Davis

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

A esperança pós-milenista representada por Edwards não morreu na América com o passar do Grande Despertamento; ela foi fortemente representada, por exemplo, na tradição de Princeton do século dezenove, por Archibald Alexander, J. A. Alexander e os Hodges.² Em sua *Teologia Sistemática*, Charles Hodge escreveu que “a doutrina comum da Igreja... consiste em que a conversão do mundo, a restauração dos judeus e a destruição do Anticristo hão de *preceder* a segunda vinda de Cristo, evento que será acompanhado pela ressurreição geral dos mortos, o juízo final, o fim do mundo e a consumação da Igreja.”³

O que Hodge chamou de “doutrina comum da Igreja” era no mínimo a visão dominante no século dezenove. Em 1859, a influente revista teológica *American Theological Review* pôde afirmar sem medo de contradição que o pós-milenismo era a “doutrina comumente recebida” entre os protestantes americanos.⁴ Teólogos do Sul tais como Robert L. Dabney e James Henley Thornwell, William G. T. Shedd do *Union Seminary* de Nova York, o teólogo batista A. H. Strong, e Patrick Fairbairn da Escócia eram todos dessa persuasão.⁵

A perspectiva pós-milenista da Antiga Princeton foi continuada na obra de Warfield, que foi professor de teologia em Princeton de 1887 a 1921. Num artigo sobre “The Prophecies of St. Paul” [As Profecias de S. Paulo], Warfield dá atenção especial a 1 Coríntios 15:20-28 e suas declarações sobre o Cristo ressurreto e suas conquistas contínuas na história:

É imediatamente aberta diante de nós a natureza de toda a dispensação na qual vivemos, e que se estende desde o Primeiro até o Segundo Advento, como um período de conquista e avanço

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em abril/2008.

² Veja Greg Bahnsen, “The Prima Facie Acceptability of Postmillennialism,” *Journal of Christian Reconstruction* 3:2 (1976-77): 48-105, para uma boa análise dessa posição na história da igreja.

³ Charles Hodge, *Teologia Sistemática* (São Paulo:Hagnos, 2001), p. 1652. Itálico adicionado.

⁴ Citado por James H. Moorhead, “The Erosion of Postmillennialism in American Religious Thought, 1865-1925,” *Church History* 53:1 (1984:61).

⁵ Veja Bahnsen, “The Prima Facie Acceptability of Postmillennialism.” As visões de Fairbairn são expressas em *The Interpretation of Prophecy* (1856; London: Banner of Truth, 1964), especialmente pp. 442-93.

por parte de Cristo. Durante tal curso Ele deve conquistar “todo o império, e toda a potestade e força” (versículo 24), e colocar “a todos os inimigos debaixo de seus pés” (v. 25), e terminará quando Sua conquista se completar pela subjugação do “último inimigo”, a morte. Dizemos propositadamente período de “conquista”, ao invés de “conflito”, pois a essência da representação de Paulo não é que Cristo está se esforçando contra o mal, mas sim progressivamente (ἐσχατος, versículo 26) sujeitando o mal, durante todo esse período.⁶

De acordo com Warfield, 1 Coríntios 15:20-28 descreve o Cristo ressurreto como engajado numa campanha vitoriosa de guerra contra toda oposição espiritual, uma campanha na qual somente a morte – o “último inimigo” – aguardará para ser derrotada na segunda vinda e na ressurreição geral, entendidos como eventos concomitantes. Cristãos conservadores deste século têm dependido extremamente das defesas magistrais da inspiração bíblica feitas por Warfield, mas têm geralmente ignorado esse aspecto de sua exegese e escatologia.

Fonte: John Jefferson Davis, *Christ's Victorious Kingdom: Postmillennialism Reconsidered* (Audubon Press, 2006) p. 19-20.

⁶ Benjamin B. Warfield, *Biblical and Theological Studies*, ed. Samuel G. Craig (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1952), p. 485. O ensaio apareceu originalmente em 1886.